

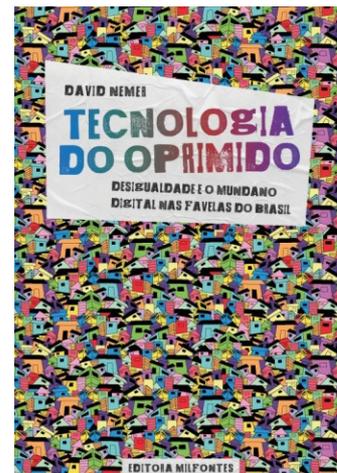
Resenha do livro

Tecnologia do oprimido: Desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil

Elisa Cristina Delfini Corrêa

Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

E-mail: elisacorrea61@gmail.com



NEMER, David. **Tecnologia do oprimido:** desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil. Vitória, ES: Milfontes, 2021.

O livro “Tecnologia do Oprimido”, lançado em 2021 pela Editora Milfontes, foi escrito por David Nemer, pesquisador brasileiro radicado nos Estados Unidos da América que atua como professor do Departamento de Estudos de Mídias e no Programa de Estudos Latino Americanos da University of Virginia. Nemer possui graduação em Ciência da Computação pelas Faculdades Integradas Espírito-Santenses e em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo, mestrado em Antropologia pela University of Virginia e PhD em Computação, Cultura e Sociedade pela Indiana University. Além disso, desenvolve pesquisas em estudos de ciência e tecnologia, antropologia da tecnologia, estudos de mídia, desinformação e radicalização online.

Apresentar esse mini-currículo é importante para destacar que Nemer possui um forte *background* teórico que lhe garantiu autoridade para escrever cada uma das quase 300 páginas de sua excelente e necessária obra, fruto de pesquisa empírica realizada na cidade de Vitória, no Espírito Santo, Brasil.

Tecnologia do Oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil é um retrato vívido das dificuldades cotidianas enfrentadas por moradores e moradoras do chamado Território do Bem (Vitória, ES, Brasil) e narra de forma envolvente como essas pessoas se apropriam de tecnologias (artefatos, processos e espaços) com vistas à sua emancipação e libertação de todas as formas de opressão às quais são submetidos diariamente.

Nemer sustenta sua narrativa com uma consistente base teórica formada por muitos autores e autoras de áreas afins à pesquisa etnográfica que desenvolveu nesse

universo das favelas no Brasil, discutindo e apresentando conceitos que podem auxiliar o leitor a compreender as questões sociais, técnicas e tecnológicas que agravam situações de exclusão (social e digital) que permeiam a vida de uma grande parte da população brasileira.

A ideia central da obra apoia-se na relação entre o conceito de Tecnologia Mundana e sua conexão com a noção de opressão definida por Paulo Freire na obra “Pedagogia do Oprimido”.

Nemer explica que Tecnologia Mundana é um termo utilizado por estudiosos do papel da tecnologia na sociedade, e refere-se às tecnologias usadas no cotidiano, consideradas ‘lugar-comum’ e integradas de forma corriqueira (p. 26). Ao relacionar a experiência digital aos processos de exclusão e opressão, Nemer constrói uma linha de raciocínio que expõe diferentes formas de dominação digital que atuam limitando e excluindo as pessoas moradoras da favela, bem como aponta os diferentes usos da tecnologia de que lançam mão para criar novas oportunidades para resistir à opressão e lutar por sua liberdade.

Já o conceito de opressão, é discutido a partir da noção de que as tecnologias (artefatos, sistemas, algoritmos) podem ampliar o abismo social que segrega ainda mais grupos de pessoas já excluídas na sociedade. Com base em Freire, o autor traz ao debate suas contribuições em relação aos conceitos de opressão, libertação e esperança, aplicados ao estudo em questão.

Assim, em **Tecnologia do oprimido**, as favelas são o local da opressão onde, no Brasil, milhões de pessoas lutam por seu direito à cidade, resistindo às relações de dominação e exploração e enfrentando preconceitos, inclusive, no que diz respeito ao acesso às tecnologias. A apropriação de processos tecnológicos no dia a dia dos oprimidos pode provocar atos de libertação, e os exemplos narrados por Nemer apontam essas possibilidades.

O livro narra as dificuldades de acesso à internet impostas aos moradores da favela, que vão desde a ausência ou ineficiência de programas governamentais que garantam condições básicas de instalação de antenas e cabos nos morros, e passam por questões econômicas que impedem aos moradores o acesso a dispositivos de qualidade para uso. Nemer discute também a lógica imperialista e elitizada do uso de tecnologias que são criadas em um contexto específico (norteamericano) e apenas impostas e absorvidas em outros contextos sem qualquer adaptação cultural. O teclado que dispõe as

letras fora da ordem alfabética, por exemplo, é um dos problemas enfrentados pelas pessoas com alfabetização funcional que participaram da pesquisa do autor.

Para combater os colapsos e ampliar suas possibilidades, as pessoas das favelas apropriam-se das tecnologias mundanas. Nemer explica que esse termo refere-se aos “processos em que os oprimidos se apropriam de tecnologias cotidianas – artefatos, operações e espaços tecnológicos – e as utilizam para aliviar a opressão em suas vidas [...] são o modo como as pessoas exercem agência e conscientização e se apropriam de tecnologias para se mobilizarem em direção à qualidade de vida que desejam” (p. 27).

Com uma linguagem simples, acessível e envolvente, Tecnologia do Oprimido revela como crianças, jovens, adolescentes e adultos apropriam-se de espaços físicos como *lan houses* e telecentros para utilizar computadores muitas vezes sucateados ou conectar aparelhos celulares adquiridos e usados de forma coletiva e, assim, apropriarem-se de espaços digitais como as mídias sociais, que utilizam para lazer, busca de emprego ou para contato com familiares separados, não raro, por territórios comandados por facções. Esses usos são possibilidades de ação libertadora das quais as pessoas da favela lançam mão para romperem as barreiras sociais que os impedem de transitar livremente pela cidade.

As pessoas moradoras das favelas, aponta Nemer, vivem em constante “condição de incerteza generalizada” (p. 63), pelo simples fato de estarem submetidos a um cenário de infraestrutura colapsada na qual as coisas ou não funcionam ou funcionam muito mal. E assim também é a experiência tecnológica no contexto das favelas brasileiras: sinal de rede que cai constantemente, teclados que quebram e telefones de marcas secundárias impedem a funcionalidade contínua. Dessa forma, o **reparo** é, segundo Nemer, uma tecnologia mundana recorrente, uma vez que auxilia na manutenção da vida cotidiana que “ênfatiza a instabilidade sistêmica e a criatividade individual que constituem sistemas tecnológicos viáveis na favela” (p. 65).

O reparo é uma forma de apropriação de processos tecnológicos a fim de prover cuidado aos utilizadores e, assim, amenizar as condições de incerteza e opressão. Projetos desenvolvidos de forma coletiva, como oficinas de reparo de teclados, nos quais alguns frequentadores das *lan houses* e telecentros podiam colar as letras apagadas pelo uso nas teclas com fita adesiva em tamanhos maiores, resultavam não apenas no conserto de falhas efetivas, mas também no entendimento e apropriação do teclado estranho à sua realidade e no aumento do sentimento de agência das pessoas participantes. Os atos de

reparo, assim, se tornavam atos de cuidado e libertação na medida em que possibilitavam a sobrevivência e a resistência nas favelas.

O autor aponta também que os **espaços físicos dos Centros Tecnológicos Comunitários – Telecentros e Lan Houses**, são considerados tecnologias mundanas onde era possível encontrar um lugar seguro para convívio social e aprendizagem. Nesses locais, as pessoas podiam deixar seus filhos em segurança enquanto trabalham, buscar correspondências deixadas pelos carteiros que não conseguiam identificar ou ter acesso a muitos endereços, imprimir ou copiar documentos. Nos CTCs os estudantes podiam se reunir para fazer os deveres da escola e os adultos podiam superar dificuldades e aprender a ler, com a ajuda de seus proprietários ou agentes de inclusão.

Os CTCs, enquanto tecnologia mundana, possibilitavam um espaço onde as tensões da opressão podiam ser aliviadas e onde existia a chance de mobilização para o alcance de uma melhor qualidade de vida. Eram lugares que ofereciam “segurança, cidadania, relações sociais e mesmo educação” (p. 124).

O **uso de mídias sociais** é outra tecnologia mundana que permitia a sobrevivência nas favelas. Por meio de uma apropriação distinta, as pessoas da favela podiam combater a cultura do silêncio e escapar da invisibilidade opressora, especialmente por meio de selfies que poderiam desconstruir a imagem depreciativa que se tem da favela e ajudar adultos e adolescentes considerados analfabetos funcionais a conhecerem mais sobre o mundo e os acontecimentos de sua esfera social, além de melhorarem seu processo de alfabetização. A presença nas mídias sociais permitia amplificarem suas vozes, dentre outros benefícios, em meio às restrições que as pessoas enfrentam todos os dias.

Essas restrições são fortemente impostas principalmente às mulheres, que sofrem violência de gênero dentro e fora dos ambientes digitais. Apropriar-se das Tecnologias Mundanas representadas pelas mídias sociais, Facebook, em especial, oportunizou um espaço para conhecimento e resiliência para sobreviverem em ambientes marcados pelo patriarcado e preconceitos diversos como os de gênero e raça. Conquistar lugar de uso de aparatos tecnológicos nos Telecentros, por exemplo, garantiu maior segurança contra a cultura sexista presente em praticamente todos os demais espaços que frequentavam. O Facebook, enquanto Tecnologia Mundana, ofereceu às mulheres um lugar para que se organizassem entre si e desenvolverem mecanismos de defesa, como grupos de apoio, além de permitir que aprendessem mais sobre o feminismo e, assim, poderem mobilizar-se em direção à sua liberdade.

A utilização do Facebook também proporcionou um espaço, embora igualmente limitado, no qual moradores/as das favelas puderam ampliar sua participação política em grupos que discutiam demandas próprias como melhores condições de vida nas favelas, mais respeito como cidadãos e o fim da guerra às drogas, ou marcar encontros presenciais – os chamados rolézinhos – e, assim, procurar cruzar limites sociais para além de seu espaço geográfico cotidiano. Nemer narra que, apesar dessa última atividade ter se revelado frustrante e negativa aos participantes, representou um sutil e significativo protesto contra a segregação social e racial a que os adolescentes das favelas são submetidos constantemente. A experiência resultou em um desejo de resistência ainda maior que os levou a continuar persistindo até que consigam atingir seu objetivo: simplesmente se divertirem!

Ao final do livro, o autor inverte o lado da moeda e discute a **tecnologia do opressor**. Nessa análise, retoma as Jornadas de Junho de 2013 e segue demonstrando como as tecnologias foram instrumentos para materializar e amplificar a opressão, em especial o Whatsapp, com a veiculação de campanhas de desinformação que ajudou na ascensão de grupos de extrema direita, cujo ápice se deu no resultado das eleições no Brasil em 2018.

Nemer deixa claro que, nesse contexto, não é possível definir esse uso como uma Tecnologia Mundana, uma vez que essa apropriação não tem como alvo a libertação, mas configura-se como objeto de um processo que leva à opressão. Neste capítulo são apresentados os grupos de pessoas e *bots* responsáveis pela criação e disseminação de notícias falsas, os processos por eles utilizados para alavancar o discurso de ódio e intolerância contra minorias.

No último capítulo, Nemer aponta que a **tecnologia do oprimido pode ser considerada a tecnologia da esperança**. Ao final de sua análise, o autor demonstra como a apropriação das Tecnologias Mundanas nas favelas representa uma luta de pessoas cidadãs contra o ódio e a favor da conquista de um lugar digno na sociedade, travada dia após dia, e para a qual podiam apenas contar com seu espírito, amor e resiliência. As Tecnologias Mundanas, segundo a ótica do autor, “trata-se de como os moradores da favela traziam suas esperanças para se apropriarem de maneira criativa e crítica de tecnologias (artefatos, processos e espaços) e de suas jornadas para se libertarem.” (p. 243-244).

Nemer evoca Freire novamente e instiga o leitor a pensar e usar a tecnologia a fim de promover mudanças sociais e exercer esse engajamento a exemplo de como o fizeram os moradores da favela. Cada usuário da tecnologia, ao apropriar-se dela enquanto mundana, pode contribuir para confrontar o sistema opressivo e superar barreiras e obstáculos ao longo da vida, seja individual ou coletivamente. Por fim, somos convocados a trazer o conceito de Tecnologia Mundana para o cotidiano para que seja possível promover tecnologias de libertação aos oprimidos que devem, como interagentes desse processo, participar da tomada de decisões das tecnologias do futuro. Só assim promoveremos esperança ao invés de opressão.

A leitura de **Tecnologia do Oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil** é primordial a todas as pessoas interessadas em promover acesso igualitário e democrático às instituições sociais e à informação. Seja nos ambientes das unidades de informação ou nas academias e universidades, profissionais da informação poderão aperfeiçoar o foco de sua atuação voltando seu olhar para a realidade do oprimido, tantas vezes invisibilizada e silenciada em nosso fazer acadêmico e profissional. Para aqueles que realmente desejam uma atuação socialmente relevante, a leitura desse livro poderá abrir novos horizontes e possibilidades no cumprimento da missão de promover uma sociedade mais justa, democrática e melhor informada em nosso país.

Recebido em: 03 de maio de 2022
Aprovado em: 15 de junho de 2022
Publicado em: 17 de junho de 2022